

Muito além do objeto: design como manifesto para um mundo melhor

Adélia Borges

Esta exposição mostra o projeto do turismo de base comunitária numa aldeia Kayapó no município de Altamira, no Pará. Ele vem sendo construído ao longo dos últimos cinco anos num estreito diálogo entre indígenas e não indígenas. Do lado indígena, o protagonismo é das mulheres da aldeia Pukany e do Instituto Kabu, criado e dirigido pelos Kayapó. Do lado não indígena, o processo vem sendo conduzido pelo Instituto A Gente Transforma, liderado por Marcelo Rosenbaum.

O que se vê neste espaço evidencia que o design vai muito além dos objetos físicos, das materialidades. Tive o privilégio de acompanhar de perto parte desse processo ao participar da viagem de estruturação do grupo-piloto do projeto, em julho de 2023, quando vivenciamos o cotidiano da aldeia guiados pelas mulheres – a lida na roça, a relação com o rio, o preparo dos alimentos, a pintura corporal, os rituais de canto e dança. Ao final da semana, todos muito impactados, pudemos entender como os indígenas “seguram o céu”, na expressão do líder yanomami David Kopenawa, enquanto nós nas cidades insistimos em arranhá-lo.

Foi muito bonito ver como a equipe de design entrou apenas para criar uma infraestrutura para propiciar essa imersão, sem agredir a cultura originária, mas, ao contrário, trabalhando para trazer de novo modos de fazer que já estavam esquecidos na dinâmica da aculturação e

evidenciando a riqueza de uma cultura com a qual temos muito a aprender.

Esse movimento de aproximação respeitosa e colaboração vem de duas décadas atrás, quando Carmem Figueiredo (1966-2017), indigenista e consultora em gestão social de recursos naturais, criou o projeto Menire (coletivo de mulheres em língua Kayapó), que transpôs a pintura corporal para os tecidos e com isso criou uma nova fonte de renda para as mulheres.

O design não está apartado da sociedade. Cada projeto – tenhamos ou não consciência disso – diz em que direção queremos que o mundo caminhe. Este aqui defende a permanência dos povos indígenas em seus territórios, incentiva alternativas econômicas para a manutenção da floresta em pé e é uma resposta ao desafio do colapso climático. A exposição é um convite a todos nós usarmos nossa energia criativa e nossa capacidade de trabalho na construção de um mundo mais digno e menos desigual.

Texto escrito para a apresentação da exposição Menire, realizada em março de 2025 no Edifício Misericórdia, em São Paulo, com curadoria de Marcelo Rosenbaum.